

**Fabiana de Oliveira Lima**

fabiana.lima@penedo.ufal.br

**Ebis Dias Santos Filho**

ebis.santosfo@ufpe.br

### Ens.hist.teor.arte

Fabiana de Oliveira Lima, Ebis Dias Santos Filho, "Aspectos socioculturales de la llegada del rock and roll a Recife (Brasil) en los años cincuenta", *Ensayos. Historia y teoría del arte*, Bogotá, D. C., Universidad Nacional de Colombia, Vol. XXII, No. 34 (enero-junio 2018), pp. 59-85.

### RESUMEN

La llegada del rock and roll a Recife (Brasil) está enmarcado en un contexto donde se destaca la gran presencia del cine que abrió las puertas al nuevo género musical y sirvió de método efectivo para su divulgación en los clubes de la ciudad. También sirvió de banda sonora a las amplias discusiones en los periódicos sobre este estilo musical y su relación con el comportamiento de una juventud que consideraban 'desviada'. Este trabajo intenta caracterizar los aspectos socioculturales de este proceso mediante entrevistas semi-estructuradas y una investigación documental en tres periódicos locales de gran circulación del período de 1955-59 en el Archivo Público de Pernambuco.

### PALABRAS CLAVE

Rock and roll, Recife, Brasil, música popular.

### TITLE

Sociocultural aspects of the arrival of rock and roll in Recife (Brazil) in the 1950s.

### ABSTRACT

The arrival of rock and roll to Recife (Brazil) is framed in a context that highlights cinema that opened the doors to the new musical genre and worked as an effective means of propagation in the city clubs. It also served as soundtrack to dense newspaper discussions about it and its relation to the behavior of a youth that was considered 'deviated'. This article intends to characterize the sociocultural aspects of this process using semi-structured interviews and documentary research on three local major circulation newspapers from 1955-59 in the Public Archive of Pernambuco.

### KEY WORDS

Rock and roll, Recife, Brazil, popular music.

### Fabiana de Oliveira Lima

Licenciada en Turismo con Maestría en Antropología de la Universidad Federal de Pernambuco (Recife). Doctora en Antropología de la Universidad Fernando Pessoa de Porto, Portugal desarrolla investigaciones en el área de la cultura en los espacios urbanos. En la actualidad es Profesora Adjunta de la Universidad Federal de Alagoas, Brasil.

### Ebis Dias Santos Filho

Licenciado en Música de la Universidad Federal de Pernambuco (Recife) en la actualidad adelanta estudios de Maestría en Música en la misma Universidad. Ha realizado cursos de composición musical (Compomos) en la Universidad Federal de Paraíba y en la actualidad es profesor de música a nivel infantil y de fundamentación en el Grupo Genese de Ensino (GGE) de Recife, Pernambuco.

**Recibido 8 de agosto de 2017**

**Aceptado 9 de septiembre de 2017**

# Aspectos socioculturais da chegada do rock and roll no Recife dos anos cinquenta

Fabiana de Oliveira Lima  
Ebis Dias Santos Filho

## Introdução

Para a elaboração desse artigo<sup>1</sup> definimos como objetivo descrever os principais aspectos socioculturais implicados à chegada do rock and roll no Recife dos anos cinquenta. Nosso trajeto até esse objetivo inicia-se com uma contextualização da cidade do Recife e alguns apontamentos sobre a influência norte-americana nesse período em questões socioculturais e econômicas. Seguindo nosso caminho, fundamentamos os aspectos referidos: cinema, festas (música e dança) e discussões sobre juventude, os efeitos do rock and roll. Antes de chegarmos aos resultados alcançados com a pesquisa, apresentamos como ela foi realizada. Por fim, descrevemos com trechos de jornais e imagens os resultados alcançados.

Compreendemos que o reconhecimento da produção e consumo musicais de uma cidade permite-nos apreender sobre esse espaço urbano, identificando elementos, que no caso do Recife, não eram destacados, embora tenham sido encontrados nos três jornais pesquisados. As cidades possuem essa característica polifônica, várias vezes que acabam por constituir várias cidades num mesmo território. No Recife, encontraram-se (ainda também no presente) grupos apreciadores do frevo (gênero musical regional) e do rock and roll (gênero musical internacional) e tais encontros geraram diferentes resultados, conforme o contexto: politicamente o rock and roll representava uma aceitação das imposições norte-americanas; socialmente, o rock and

---

<sup>1</sup> Trata-se de um recorte e adaptação realizados pelos autores do livro *A Chegada do Rock'n Roll no Recife dos anos 1950*, que se encontra no prelo da Editora da Universidade Federal de Pernambuco. As partes introdutórias, de revisão bibliográfica e discussão foram reescritas, porém as descrições das informações coletadas nos jornais são recortes do livro, com possibilidade de publicação para o final de 2017. Uma versão resumida foi apresentada como comunicação: "*Rock'n Roll no Recife: música, dança e juventude transviada nos anos 1950*", no III Congresso de Musicologia da Associação Regional da América Latina e Caribe, ARLAC/IMS, realizado entre os dias 1 e 5 de Agosto de 2017, na cidade de Santos/SP.

roll foi relacionado à baderna e desvio de conduta; culturalmente, o frevo foi destacado como cultura mais rica e genuína.

Sobre o rock and roll no Recife no período referido Teles considera que o gênero estava “ainda engatinhando por aqui no final dos 50” e que “a juventude não tinha a influência do rock, do reggae, do jazz, como tem hoje”<sup>2</sup>. Portanto, ao reconhecermos os aspectos socioculturais que se destacaram na pesquisa documental estamos trazendo aos olhos outro lado do Recife, que vivenciava o rock and roll, consumia outros elementos da cultura norte-americana e mostrava seus anseios por tornar-se uma grande metrópole internacionalmente conectada.

## Recife, do início à cultura norte-americana

A cidade, capital do Estado de Pernambuco, localizada no litoral nordestino do Brasil, foi fundada em Março de 1537. De Castro apresenta suas principais características assim: <sup>3</sup>

A cidade assenta nas terras baixas de uma extensa planície aluvional que se estende desde as costas marinhas, frisadas, em quase toda sua extensão por uma linha de arrecifes de pedra (...) É nessa planície constituída de ilhas, penínsulas, alagados, mangues e pauis, envolvidos pelos braços d'água dos rios que, rompendo passagem através da cinta sedimentar das colinas, se espriam remansosos pela planície inundável.

Essas particularidades geográficas, destacando seu porto natural, estimularam seu desenvolvimento econômico. Seja relativo à escoação das suas produções agrícolas e posteriormente, industriais, através do porto, seja relativo à pesca ao longo de suas ilhas e à captura de crustáceos ao longo de seus manguesais – atividades que permanecem até os dias atuais.

As principais mudanças no desenho urbano da cidade irão ocorrer apenas no séc. XX, quando suas características de província vão abrindo espaço a uma lenta urbanização, que se acelera a partir dos anos 1940<sup>4</sup>. Entre os anos 1940 e 1960 houve seu crescimento mais vertiginoso: “o crescimento demográfico nas décadas de 1940-1950 e 1950-1960 foi de, respectivamente, 50,6% e 51,9%. Tratou-se de um incremento explosivo” que consolidou a cidade como “metrópole regional do Nordeste”<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> José Teles, *Do Frevo ao Mangubeat*, São Paulo: Editora 34, 2012, 2ª ed., pp. 74 e 50.

<sup>3</sup> Josué de Castro, *Um ensaio de geografia urbana: a cidade do Recife*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013, p. 30.

<sup>4</sup> Virgínia Pontual, *Uma cidade e dois prefeitos: Narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*, Recife: Ed. UFPE, 2001, p. 26.

<sup>5</sup> *Ibid.*, loc.cit.

Esse “adensamento” forçou a urbanização. “A população mais pobre da cidade tinha bons e justificáveis motivos para trazer os nervos à flor da pele”, por conta das intensas dificuldades em habitar, trabalhar e sobreviver no Recife dos anos 1950. Por outro lado, havia expansão de clubes para as festas da alta sociedade, que misturavam ritmos estrangeiros aos regionais. O espaço urbano fervilhava com ocupações, adaptações, novos hábitos culturais e de consumo. Programas de auditório iniciam-se nessa década, artistas popularizam-se, a Fábrica de Discos Rozenblit é inaugurada em 1955<sup>6</sup>. Segundo Teixeira aqueles que tinham maior poder aquisitivo desfrutavam de interessantes opções culturais<sup>7</sup>:

havia três sociedades (a Cultura Musical, a de Amigos da Sinfônica e a Pró-Música) que atuavam” na promoção “da vinda de alguns dos muitos músicos eruditos que viviam em turnês internacionais.

Nesse contexto cultural já havia se estabelecido no país, desde a década de 1940, escritórios norte-americanos com o intuito de estreitar as relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos da América<sup>8</sup>. A cultura foi percebida como uma das pontes principais, um caminho de aproximação a partir do momento que, os brasileiros entendessem e aceitassem o *American Way of Life* como ponto máximo da qualidade de vida. Assim, a Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos (SCBEU) é inaugurada em 1946 no Recife, reforçando a aceitação e a repulsa, simultaneamente, aos movimentos norte-americanos de entrada política, econômica e cultural nas principais cidades brasileiras.

Afinal, a conjuntura de recepção do rock and roll no Recife desenha uma cidade em que as contradições sócio-políticas e culturais cresciam explicitamente, estimulando longas matérias nos jornais pesquisados sobre como era essencial que estabelecêssemos um maior intercâmbio com os Estados Unidos da América ou como tal aproximação poderia decretar o fim da cultura brasileira e do desenvolvimento econômico do país. De modo geral, o destaque era para uma vida mais prática e produtiva, moderna – com seus perigos e benefícios apontados.

Contudo, é importante pontuarmos que, ao longo do levantamento bibliográfico realizado, identificamos que o rock and roll, em seu início, não fez parte do conjunto de elementos reunidos pelos Estados Unidos nas suas investidas internacionais. Mesmo porque, também no seu país o rock and roll não fora aceito e abraçado como expoente cultural norte-americano no

---

<sup>6</sup> Flávio Weinstein Teixeira. “Modernidade e Modernização. Relações sociais, culturas e sociabilidades no Recife dos anos 1950”, *Revista Clío. Série História do Nordeste*, 21 (2015), pp. 11 e 14.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>8</sup> O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* – OCIAA, recebeu esse nome em 1941. Sua atuação político-econômica deu espaço a aproximações culturais, através do seu Departamento de Imprensa e Propaganda, DPI.

seu princípio. Segundo Garofalo<sup>9</sup>, o comportamento contraventor dos jovens que executavam, dançavam e apreciavam o rock de modo geral, representava o oposto do que os norte-americanos queriam expor em seus intercâmbios – famílias organizadas, brancas e bem-sucedidas. Mas, os mercados fonográfico e em seguida, cinematográfico reconheceram a força do ritmo e o incontestável talento dos artistas, produzindo-os, contribuindo com sua disseminação logo na segunda metade dos anos cinquenta – esse movimento também foi fortalecido pela criação e exploração de produtos relacionados a então expoente cultura jovem ligada ao rock, como vestimentas e acessórios diversos.

Nesse sentido, Bourdieu nos chama atenção para o movimento de encontro entre duas culturas distintas e suas produções<sup>10</sup>:

(...) o sentido e a função de uma obra estrangeira é determinado tanto ou mais pelo campo de chegada quanto pelo campo de origem. Em primeiro lugar porque o sentido e a função no campo de origem são muitas vezes completamente ignorados. E também porque a transferência de um campo nacional para um outro se faz por meio de uma série de operações sociais: uma operação de seleção (o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica?).

Portanto, entendemos que o rock and roll aqui descrito trata-se de como a sociedade re-cifense o recebeu e interpretou. Logo, embora traga em sua construção os elementos próprios desse estilo/movimento musical, também apresenta como a cidade configurou-o dentro das suas concepções de cultura e sociedade.

## Cinema, entretenimento e reflexão social

Segundo Araujo, a relação da cidade com o cinema nos anos 1950 continuava sua característica ambivalente: “De um lado, o ‘ambiente ricamente intelectual e culto’. De outro, o desinteresse pelas coisas ‘elevadas e úteis’”<sup>11</sup>. Chamada de Terceira Urbe do país, vivenciava sua pretensão de metrópole com algumas dificuldades de inserção de um cinema que não fosse apenas para diversão, mas também a verdadeira “arte cinematográfica”. Para tal, os críticos de cinema, segundo Araújo, eram vistos como necessários, a fim de apresentar ponderações sobre as películas, atuação, direção, temas.

---

<sup>9</sup> Reebee Garofalo, “Crossing Over: From Black Rhythm & Blues to White Rock ‘n’ Roll”, en N. Kelley (ed.) *Rhythm and Business: The Political Economy of Black Music*, New York: Akashit Books 2002, pp. 112-37.

<sup>10</sup> Pierre Bourdieu, “As condições sociais da circulação internacional das ideias”, *Enfoques*, 1, 1 (2002), p. 4. Trad. Fernanda Abreu.

<sup>11</sup> Luciana Araujo, *A crônica de cinema no Recife dos anos 50*, Recife: FUNDARPE, 1997, p. 17.

Nessa década, a cidade começa a ter centros especializados na discussão/reflexão crítica sobre o cinema, que já era um dos principais veículos de comunicação. Dentre os especialistas, o jornalista Ralf cita o “Clube de Cinema do Recife, dirigido pelo Hermilo Borba Filho, o cronista José de Sousa Alencar e o recente Cine Clube Vigilanti Cura que, em boa hora, fundou o seu Círculo de Estudos Cinematográficos”<sup>12</sup>. Esses grupos possibilitaram que, a partir da leitura dos jornais, o público fosse educado quanto à escolha dos filmes e sua leitura.

Destacamos o cronista José de Sousa Alencar que ao longo desse decênio dedicou-se, inclusive, a elaborar críticas sobre os filmes que envolviam o rock and roll e seus elementos culturais em destaque, como as vestimentas, o comportamento transviado da juventude. Conforme veremos na descrição dos dados, todas essas informações foram trazidas e discutidas pelos críticos de cinema. Muito embora, outros críticos, até bem jovens à época, como Jomard Muniz de Brito, participante e fundador do citado Cine Clube Vigilanti, estavam direcionados à degustação do cinema latino, principalmente europeu.

Jomard Muniz de Brito destacou filmes franceses, italianos e mexicanos, afirmando que a juventude dos anos cinquenta estava “em busca constante pelo conhecimento, pelo mundo através do cinema”<sup>13</sup>. Citou o neo-realismo italiano, com Vittorio De Sica (*Ladri di Biciclette*, 1948) e Luchino Visconti. As influências sofridas pelo seu grupo também estavam focadas no realismo poético francês, que apresentava a realidade social e econômica, quase como um documentário. Essa realidade pós-guerra, dos muitos rearranjos necessários para reerguer a sociedade estavam mais próximos das dificuldades socioeconômicas vividas no Recife (e no Brasil, de modo geral), por isso a identificação, conforme relatou Brito.

Nessa perspectiva, os filmes que retratavam a delinquência juvenil ou o rock and roll não eram apreciados da mesma forma, muitas vezes, sabia-se da sua existência, mas não havia interesse cultural em seu entendimento.

Contudo, havia colunas especializadas nos jornais que pesquisamos cujos críticos dedicaram-se a construir extensos textos sobre os filmes que envolveram direta e indiretamente o rock and roll na cidade e suas interfaces: no *Diário de Pernambuco*, José de Sousa Alencar com a sua coluna “Cotações da Semana”, em que comentava e atribuía notas aos filmes; críticas sem coluna, assinadas por jornalistas como Fernanda Tovar, Fernando Menezes, James Elysson, Marcos de Cunha Rego Miranda, Paulo França, a coluna de Paulo do Couto Malta e a coluna Mundo de Luz e Som, assinada por Augusto Boudoux; no *Diário da Noite*, a coluna de R. Magalhães Júnior, Bernard com a coluna “Carrocel” (sic.) – trazia variedades culturais e também cinema de um modo menos reflexivo, mais despojado – a coluna ‘Cinemascope’, assinada por Ralfh (pseudônimo de José de Sousa Alencar) e Jorge Abrantes – abordando variedades e cinema na coluna ‘Boa Tarde’.

---

<sup>12</sup> *Jornal do Commercio*, 23 de Out de 1951; em Araujo, p. 18.

<sup>13</sup> Entrevista, Recife, 1 de Junho de 2016.

Enfim, ao longo da exposição das informações coletadas será possível perceber a atenção dispensada ao rock and roll e aos filmes produzidos com sua trilha sonora/enredo.

## Festas e angústias da ‘juventude transviada’

Em 1944 os norte-americanos começaram a usar a palavra ‘teenager’ para descrever a categoria de jovens com idade entre treze e dezoito anos. “Desde o início, foi um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes”<sup>14</sup>. Garofalo destaca que os adolescentes compravam tanto os compactos de rhythm and blues (R&B) e rock and roll que, de certo modo, forçaram as rádios e gravadoras a investirem mais intensamente nesse mercado<sup>15</sup>. No entanto, Savage destaca que as características contraventoras dos adolescentes, já eram observadas e criticadas desde o século XIX, nos Estados Unidos e Europa. Sua obra sobre o tema retrata casos que contextualizam a concepção mercadológica do jovem no século XX, mais precisamente, após a Segunda Grande Guerra<sup>16</sup>.

A figura do jovem sempre foi intrigante e ameaçadora para o mundo adulto por suas características caóticas. O referido autor ajuda-nos a compreender que os avanços da industrialização ainda no final do século XIX já apontavam a juventude como um grupo a ser repreendido, orientado, educado e polido. Durante o século XX a população de jovens aumentou, chegando aos anos quarenta como um mercado potencial, que se consagra na década seguinte, com o rock and roll, os clubes, festas, agitada vida noturna – palco para reflexões existenciais e relatos angustiados sobre o que esperar do mundo – além do vestuário característico.

Junto com o rock and roll, o cinema trazia os questionamentos e anseios tanto dos jovens quanto da sociedade arraigada a princípios conservadores, a fim de manter a ordem. A figura do adolescente era observada como fonte de transtornos, arruaças e desordens. Os jornais pesquisados questionaram exaustivamente tanto o jovem quanto seus pais, que inebriados pelo discurso do moderno estavam saindo dos trilhos socialmente. Era recorrente a temática, principalmente na segunda metade dos anos 1950. De acordo com Kehl<sup>17</sup>:

Essa transformação do adolescente em fatia privilegiada do mercado consumidor inaugurada nos Estados Unidos, e rapidamente difundida no mundo capitalista, trouxe alguns benefícios e

---

<sup>14</sup> Jon Savage, *A Criação da Juventude*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2009, p. 11 (Original: Jon Savage, *Teenage: the prehistory of youth culture – 1875-1945*. London: Penguin Books, 2008).

<sup>15</sup> Garofalo, *loc.cit.*

<sup>16</sup> Savage, *loc.cit.*

<sup>17</sup> Maria Rita Kehl, “A juventude como sintoma da cultura” *Outro olhar: Revista de Debates*. V, 6, (2007), p. 46.

novas contradições. Por um lado, a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente altamente hedonista.

Essa cultura adolescente foi identificada nos produtos relacionados ao grupo: blue jeans, jaquetas, cinema e seus ícones (Marlon Brando, James Dean, Elvis Presley), rock and roll, entre outros. É possível observar a juventude transviada caracterizada como impetuosa, consumidora das festas nos clubes e do cinema, autora de pequenos e graves crimes, consumidora de substâncias ilícitas e questionadora dos valores morais da época – a liberdade sexual, elementos que também fizeram parte dessa reconstrução urbana do Recife nos anos cinquenta.

## Prévias do rock and roll no Recife de 1956

A estreia do rock and roll nos cinemas do Recife veio através da produção norte-americana *Sementes da Violência (Blackboard Jungle)*<sup>18</sup>. Na trilha sonora do filme, a canção “Rock around the Clock”, interpretada por Bill Halley & His Comets se tornaria um sucesso mundial junto com a película.

Mesmo um pouco antes de *Sementes da Violência* ser exibido no Brasil, a música já era tocada em algumas rádios nacionais e a cantora Nora Ney<sup>19</sup> teria gravado em Novembro de 1955 um disco de 78 rpm, com uma versão da canção, tocando um acordeão, intitulada “Ronda das Horas”.

Em Fevereiro de 1956, mês de lançamento do filme na cidade, em um anúncio no jornal, a loja Adolpho de Figueiredo S.A divulgava “Rock around the Clock” em quarto lugar na lista dos discos<sup>20</sup> mais vendidos da semana anterior. Em Março de 1956, em uma nota com uma relação dos mais vendidos, o LP *Ronda das Horas* (apesar do título da versão de Nora Ney, a faixa tinha indicação da gravadora Decca, com Bill Halley) era anunciado entre um dos mais procurados e esgotados em todas as casas do ramo.

---

<sup>18</sup> Antecipado, com bastante recorrência, por anúncios e notas da crítica cinematográfica local e nacional, o filme foi apresentado como um dos mais aplaudidos e discutidos feitos de Hollywood, um quadro brilhante, enfático e convincente, da “degenerescência do ensino secundário que, fundado em princípios falsos, não consegu(ia) dar aos adolescentes uma educação sadia, principal causa da marginalidade dos jovens, uma “atrofia social” (parte do “outro lado da vida americana”) gerada nas condições da segunda guerra mundial (*Diário de Pernambuco*, 26 de Fevereiro de 1956, p. 4). Antes de estrear em Fevereiro de 1956 no Recife, no cinema Coliseu, o filme foi exibido neste mesmo espaço, para autoridades, professores e jornalistas.

<sup>19</sup> Iracema Ferreira (1922-2003) nascida no Rio de Janeiro começou sua carreira em 1950 utilizando o nome artístico de Nora Ney.

<sup>20</sup> Essas notas com lista de discos mais vendidos da semana não eram publicadas semanalmente. A partir da busca feita nos jornais foi possível identificar algumas notas, com publicação esporádica.

Em Outubro deste ano, a crítica de cinema nos jornais locais começaria uma recorrente série de notas com avaliações bastante positivas do filme *Vidas Amargas (East of Eden)* que viria a estrear no mês seguinte na cidade, estrelado por James Dean. Falecido aos vinte e quatro anos em um acidente de carro fora retratado como “a maior revelação dramática nos cinemas nos últimos vinte anos”<sup>21</sup>. Um pouco antes, no mesmo mês, o rock and roll havia sido matéria de capa no *Diário da Noite* com o título “A Súbita Febre do Rock n’Roll Ou A Nova Enfermidade Musical”<sup>22</sup>.

A matéria fez uma análise e um anúncio do novo gênero e informava que alguns estados norte-americanos teriam chegado a proibir a “cocaína em ritmo musical” por ter “influência venenosa de droga” e narrava casos de desordem e intervenções da polícia em exhibições da película *Ao Balanço das Horas (Rock around the clock)* na Inglaterra.

O texto trata o fenômeno “Pelvis Presley” (assim foi referido Elvis) como a personificação do espírito do rock and roll, encarnado na alucinante dança, que continuaria dias e noites “até quando algo mais diabólico fosse descoberto”<sup>23</sup>.

Podemos reconhecer a intensidade do tratamento dado ao fenômeno do rock and roll pelos jornais do Recife na conceituação e contextualização apresentadas pelo *Diário da Noite*<sup>24</sup>:

*Rock’n Roll* quer dizer em português Rocha Rolando. O nome tem um sentido de movimento: algo irregular e violento em queda. Isso, traduzindo para uma linguagem musical, requisitou num gênero que supera os contrastes sonoros e a movimentação instrumental e espiritual do Bep-Bop [sic.]. Os admiradores do *Rock’n Roll* consideram, atualmente, o Bep-Bop [sic.] como irmão gêmeo das Valsas de Lehar. Há uma verdadeira inflação de sons e dinamismo no *Rock’n Roll*.

O *Rock’n Roll* vem atingir os adolescentes como uma válvula de escape para as expansões psíquicas. Na dança alucinada está também o instinto, o primitivismo, os desejos guardados de uma geração.

A nova música surge agora como um grande jorro de água conquistando imediatamente uma quantidade enorme de jovens para a realização do ritual.

O *Rock’n Roll* tem esse poder de entrar no corpo dos jovens e provocar reações de drogas. É um opium musical que ataca os nervos, o coração, a consciência.

---

<sup>21</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 25 de Novembro de 1956, p. 4.

<sup>22</sup> *Diário da Noite*, Recife, 3 de Outubro de 1956, capa.

<sup>23</sup> *Diário da Noite*, 15 de Outubro de 1956, capa.

<sup>24</sup> *Diário da Noite*, 3 de Outubro 1956, capa e pág. 2.

Dos Estados Unidos a mensagem mais definitiva do Rock n´ Roll vem na voz e nos gestos de Elvis Presley. É um rapaz de 20 anos, de violão a tiracolo, que se rasga, se mata, se assanha, chora, grita, pula, dança, corre, esmurra, ri, e ganha rios de dinheiro.

Os discos de Presley estão para o *Rock'n Roll* assim como os livros de Jean Paul Sartre estão para o existencialismo.

A febre, a enfermidade do *Rock'n Roll*, tende a se propagar. Musicalmente falando, ela é uma face do Jazz, com sua força vital, seu impulso popular e encantado. É um retorno ao primitivo, já que os horizontes da frente se encontram escuros, insondáveis.”

O Rock'n Roll, pelo ímpeto, expulsa a alma do corpo. É um transe é uma libertação

Alguns dias após essa reportagem, uma nota de capa do *Diário da Noite* traz o seguinte título: “A Fúria do Rock'n Roll Londrino Já Comprou Passagem Para Paris”, ilustrando o texto com fotos de adolescentes em “transe” ao som do gênero, “se contorcendo feitos trapezistas” na dança, em uma “fúria igual a leões de circo”<sup>25</sup>. Naquela época, como nos diversos países, os alicerces conservadores pernambucanos também começariam a ser ameaçados pelo rock and roll<sup>26</sup>.

Em Novembro de 1956, uma nota na coluna social do *Diário de Pernambuco* e outra no *Diário da Noite*, avisam sobre uma festa denominada “Sorvete Dançante”, do Clube Náutico<sup>27</sup>, na qual a apresentação de músicas e danças americanas lançaria na cidade o “moderníssimo e comentadíssimo Rock'n Roll”<sup>28</sup>, porém, dias depois, avaliava-se que, apesar da intenção, o rock and roll “a rigor” não havia sido executado naquela quinta-feira, mas em seu lugar, muita música norte-americana foi cantada.

---

<sup>25</sup> *Diário da Noite*, 15 de Outubro de 1956, capa.

<sup>26</sup> O novo gênero musical já se tornara assunto recorrente; nos jornais consultados, com matérias diversas, anúncios dos discos a serem lançados, relatos sobre os mais vendidos nos Estados Unidos. e algumas análises já existentes a respeito da relação do rock and roll com filmes sobre a delinquência juvenil.

<sup>27</sup> Clube desportivo social pernambucano, mais conhecido por sua atuação no futebol profissional. O espaço do clube é localizado no bairro dos Aflitos, zona norte do Recife.

<sup>28</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 de Novembro de 1956, p. 6.

## O Cinema traz o rock and roll ao Recife e entorpece a ‘juventude transviada’ em 1957

As semanas anteriores à estreia de *Ao Balanço das Horas* foram marcadas por notas recorrentes sobre o rock and roll, a delinquência juvenil e o filme, das mais variadas extensões, em colunas sociais, críticas de cinema, comentários políticos e matérias de capa no *Diário da Noite*. Houve quem criticasse duramente ou defendesse a nova “coqueluche musical americana”.

Entre as críticas negativas o rock and roll foi avaliado como ritmo sem nenhuma novidade marcante da música popular norte-americana de então. Justificava-se seu impacto apenas pela maneira como Elvis Presley<sup>29</sup> se apresentaria no palco, com “caras convulsionadas” e “movimentos acentuadíssimos das cadeiras”. Ainda acrescentava que apesar de ser uma nova mania entre os adolescentes, seria posteriormente esquecido.<sup>30</sup>

*Ao Balanço das Horas* recebeu críticas negativas nos jornais, classificado como, despretenhoso, com uma direção insuficiente e atores incapazes de expressar “reações de ordem interpretativa”. O colunista R. Magalhães Junior escrevia no *Diário da Noite* pedindo para o filme ser proibido para menores de dezoito anos ou até mesmo censurado totalmente.

Os adolescentes que ouviam rock and roll, que no Recife já eram apontados como dezenas<sup>31</sup>, seriam descritos como membros de uma geração inspirada nas características de Marlon Brando<sup>32</sup> e James Dean no qual teriam aderido ao rock and roll, personificado na figura de Elvis, como a um hino de “um novo estado de coisas”. Dançando “como se todos fossem morrer amanhã”; teriam idades entre quatorze e dezoito anos e um nível mental e intelectual “não muito

---

<sup>29</sup> Nos Estados Unidos também houve críticas e censura aos movimentos pélvicos de Elvis Presley, incluindo censuras em programas de televisão.

<sup>30</sup> Ao contrário do jazz e outras elaborações musicais nascidas na ‘alma do povo’ e por isso, eternas, cujos ídolos seriam símbolos perenes da arte.

<sup>31</sup> Uma matéria sobre o comportamento desses jovens no cinema de São Paulo trazia todos os pormenores de sua caracterização, desde as opções de suas vestes a cortes de cabelos. Quanto ao comportamento, esses rapazes e moças costumavam andar em “gangs” lideradas por um chefe”, mascar “chiclets”, fumar cigarros, ler gibis e, em sua maioria, estudavam em colégios caros. (*Diário da Noite*, 26 de Dezembro de 1956, p. 3). Em outra nota, meses depois, encontramos comentário sobre a matéria na revista *Manchete* (de circulação nacional), assinada por Jânio de Freitas em 16 de Fevereiro de 1957. Segundo o jornalista, havia uma mudança no comportamento sexual dessa parcela da juventude brasileira, cuja experiência sexual poderia acontecer com a própria companheira de roda, de colégio e mesma escala social. O tema foi tratado como um fenômeno relacionado ao fim do patriarcado – em que a satisfação era buscada na senzala ou nas “crias da casa” e, posteriormente, na empregada doméstica (*Diário da Noite* 23 de Fevereiro de 1957, p. 6).

<sup>32</sup> Estrelado no filme *O Selvagem (Wild One)*, de 1953, que mesmo sem conter rock and roll na sua trilha sonora, assim como *Juventude Transviada*, influenciaria uma geração de roqueiros no mundo inteiro.

desenvolvidos”, com mais abertura às más sugestões, excitações e manifestações coletivas de marginalidades diversas, como as relatadas nas exibições do filme *Ao Balanço das Horas*<sup>33</sup>.

Dentre os que defendiam o novo ritmo “alucinante”, alguns argumentavam que se tratava de música sadia que poderia ser dançada “sem malícia ou indecência”; se fosse intensa e agitada, não seria pecado, sobretudo na terra do frevo. A romancista Raquel de Queiroz pontuava que a mocidade andaria irreverente, querendo derrubar convicções e impor as suas, em busca de seu lugar ao sol. Disto teriam todo o direito; eles deveriam ser explosivos, dinâmicos, dançar, pular, cantar, vibrar ou, de outra maneira, não seriam juventude<sup>34</sup>.

Uma nota do *Diário de Pernambuco* - sem assinatura - reforçava que seu jornalista e também delegado de polícia do 1º Distrito da capital, Paulo do Couto Malta “aconselhou em sua crônica na coluna social, com apoio de outros colonistas, todo assanhamento durante a exibição do Rock’n Roll no Recife. Os playboys deveriam se manter em forma para receber, com demonstrações decorrentes, gritos, esperneios, faniquitos, sacudidas, desmaios e alvoroço o ritmo de Elvis”<sup>35</sup>.

Na coluna “Carrosel”, Bernard alertava os jovens para esquecer os “mexericos” das pessoas com mentalidade mal intencionada para um simples ritmo saudável, com um sensualismo nada comprometedor e não fazerem maior publicidade do filme, dando confiança à polícia que andaria “a cata” de malícia e indecência. Segundo o colonista, melhor seria cultivar o rock and roll com festas e discos nas casas, jardins, varandas e praias com seus passos que exigem jovialidade, a ter que aderir as faces macilentas e pálidas na penumbra noturna da atmosfera das boates<sup>36</sup>.

Bernard, por sua vez, destacava que a falta de diversificação nas atividades culturais da cidade fazia do rock and roll uma melhor opção<sup>37</sup>:

Pobre e desconsolada província. Chega o sábado e nenhuma perspectiva se destaca. Os clubes não oferecem atração. Estão silenciosos. Os “hostes” não enviaram convites. Abro o jornal para o programa cinematográfico e verifico que já assisti a todos os filmes. “Miss Dove”, “Alexandre”, “David Crockett”. Resta o teatro, nada também, salvo o teatrinho da Festa da Mocidade, que tem poucas novidades para oferecer, atualmente. Vamos aos bares. Ué, a cidade não tem bares simpáticos, fechados, com música em surdina ou cantores. E “boites?” A Delfin Verde

---

<sup>33</sup> *Diário da Noite*, 4 de Fevereiro de 1957, p. 4 e 23 de Fevereiro de 1957, p. 6.

<sup>34</sup> *Diário da Noite*, 27 de Dezembro de 1956, p. 5.

<sup>35</sup> Alertava para a cidade não ser mesmo confirmada como “a terra dos contrastes”, um lugar onde se cheirava éter um mês antes do carnaval não deveria reagir com apatia a música mais sacudida e selvagem deste século. (*Diário de Pernambuco*, 27 de Janeiro de 1957, p. 3).

<sup>36</sup> *Diário da Noite*, 14 de Fevereiro de 1957, p. 5.

<sup>37</sup> *Diário da Noite*, 12 de Janeiro de 1957, p. 4.

me aborrece terrivelmente. Por mais que me esforce não consigo elan<sup>38</sup>, naquele recinto. Ora, deixo o jornal, ligo a radiola e vou ouvir Elvis Presley com o Rock'n Roll. Pelo menos agita.

A aproximação da data da primeira exibição ao público de *Ao Balanço das Horas* na cidade era estimulada com notas da imprensa. Ante as notícias sobre a repercussão do filme em outras cidades, a gerência do cinema São Luiz, entrou em contato com a Secretária de Segurança Pública, a fim de solicitar o redobramento da polícia nos dias em que o filme estivesse em cartaz. O secretário de segurança, coronel Bráulio Guimarães, requisitou uma sessão especial do filme para tomar conhecimento do fundo moral e verificar se haveria necessidade de interdição da película.

O filme foi exibido dias antes no cinema São Luiz apenas para imprensa e autoridades. Uma nota no *Diário da Noite* descrevia que todos os presentes acharam a fita ingênua, sem sinais de degenerescência, podendo ser vista até mesmo por uma criança de dez anos e a música teria sido elogiada.

Outro fato marcante nesses dois primeiros meses de 1957 seria uma matéria de capa no *Diário da Noite* em Fevereiro de 1957 com o título “A Chegada Oficial do *Rock'n Roll!*” (Fig.1)<sup>39</sup>. Uma grande reportagem avisando que a “febre dos últimos tempos estaria em breve no Recife, satisfazendo a curiosidade de todos” explicando o gênero, divulgando as tradições de escândalos na exibição de *Ao Balanço das Horas* e as expectativas para a estreia do filme na cidade, mais uma vez, eram relatadas.

---

<sup>38</sup> Elan = elã (entusiasmo, disposição).

<sup>39</sup> *Diário da Noite*, 4 de Fevereiro de 1957, capa.



**FIGURA 1.** “A chegada oficial do “Rock’n Roll” “. *Diário da Noite*, 4 de Fevereiro de 1957, Arquivo Público de Pernambuco. Fotografias de Fabiana de Oliveira Lima y Ebis Dias Santos Filho.

“A Chegada Oficial do Rock’n Roll no Recife” aconteceu no dia 20 de Fevereiro de 1957, no cinema São Luiz. O policiamento foi reforçado, houve uma maior afluência do público com filas desde cedo na bilheteria, mas nenhum caso de vandalismo foi relatado. Provavelmente por causa disso, a imprensa insistia em descrever dias depois o fato como um fracasso do ritmo na cidade<sup>40</sup>.

No mês do carnaval em Pernambuco, esse último fato também foi encarado como uma “vitória do Frevo<sup>41</sup>”, assim descrita nas capas e notas do *Diário da Noite*. De acordo com o jornal, a no-

<sup>40</sup> Ironicamente, em várias notas, o delegado, cronista e incentivador do agito da mocidade para o tão aguardado momento, Paulo do Couto Malta - ora descrito como responsável por garantir a ordem, ora citado como o único espectador a querer dar uma demonstração da dança, tendo seus desejos contidos pela polícia—ao ceder depoimento aos jornalistas, responsabilizava o “esgotamento” com o “trote” de medicina, no dia anterior como explicação para o “marasmo” dos “blue jeans” recifenses.

<sup>41</sup> No carnaval de 1957, o frevo de bloco Evocação nº 1, composto por Nelson Ferreira e interpretado pelas cantoras do coral do bloco Batutas de São José, foi a música mais cantada no Brasil. Teles, (p.66), ao citar essa informação refere-se à rivalidade na época entre o frevo e a marchinha carioca, não citando a competição com o rock’n roll. Nelson Ferreira, por sua vez, foi um dos maiores com-

vidade musical norte-americana nada teria a acrescentar para os cidadãos locais afeitos com raízes regionais tão bem fincadas ao ritmo buliçoso, genuinamente pernambucano, orgulhosamente difundido para fora do estado e, ao mesmo tempo, a ponto de não se deixarem levar por nenhuma daquelas reações históricas frequentemente relatadas em outras capitais do mundo. Mas esta não seria uma conclusão, ainda que até mesmo Capiba -Lourenço da Fonseca Barbosa (1904-97)-<sup>42</sup> tenha declarado que “em terra de Frevo, Rock’n Roll não se mostra”, a matéria do jornal lança algumas dúvidas<sup>43</sup>:

O Frevo (é oportuno falar nele, porque estamos no carnaval) que já adquiriu bastante fama e prestígio, tendo se estabelecido firmemente na praça do Rio de Janeiro e excursões ao estrangeiro, adquiriu agora outro título: o de vencedor do “*Rock’n Roll*” nas ruas do Recife. Telegramas chegaram ao Rio, dizendo que a nova dança difundida pelo filme “Ao Balanço das Horas”, não havia provocado aqui nenhuma daquelas manifestações históricas que assinalaram a passagem do filme por várias capitais do mundo. E transmitindo a opinião do nosso Chefe de Polícia de que em terra de Frevo o “Rock” não fazia sobrôso<sup>44</sup>. E isto logo se transformou numa glória do Frevo sobre o ritmo alienígena.

Não houve, aliás, competição propriamente dita. O “Rock” fugiu de campo. Perdeu pela ausência. Haveria mesmo essa vitória? Seria o Frevo a razão de ter o “Rock” passado, como se disse, em branca nuvem no Recife? Talvez uma maior maturidade mental dos nossos jovens ou a ausência da necessária “extroversão”. Seja como for, o Frevo ficou associado ao fenômeno. E cronistas cariocas glosaram o fato. Uma. Eneida, disse que o telegrama a encheu de alegria. E disse: “Creio que devemos saudar com orgulho a mocidade pernambucana”. Bonito.<sup>45</sup>

O frevo pernambucano ganhava espaço como representação genuína da cultura do estado e valorização das produções locais. Durante esse referido período de propagação do rock, o frevo destacava-se por representar a força de uma produção popular, sem influências estrangeiras. Mesmo que não tenha havido uma disputa na execução feita nos clubes, quando os distintos gêneros musicais eram trazidos numa mesma noite.

positores da história do frevo, que ao contrário de Capiba, viveu exclusivamente de música – maestro de orquestra na noite recifense, diretor artístico da Rozenblit, pianista, locutor e maestro da Rádio Clube de Pernambuco..

<sup>42</sup> Maestro e compositor pernambucano, nascido em Surubim, e conhecido por ser um dos maiores nomes do frevo.

<sup>43</sup> *Diário da Noite*, 27 de Fevereiro de 1957, p. 6.

<sup>44</sup> O mesmo que timidez.

<sup>45</sup> *Diário da Noite*, 28 de Fevereiro de 1957, p. 3.

O fato da “nova onda” ter sido tratada como assunto liquidado no Recife, na verdade não foi o que ocorreu. A imprensa continuava abordando o assunto, de modo que a nova música era até utilizada como parâmetro para se estabelecer comparações com outros fenômenos contemporâneos, a exemplo da poesia concreta<sup>46</sup>.

A disputa protagonizada pelos dois ritmos era tratada com bom-humor pelos jornalistas. Alguns, porém, eram mais rígidos em relação ao rock and roll, destacando sua musicalidade repleta de ruídos, com sonoridade inferior ao frevo. Por outro lado, nos bailes e festas da época o frevo e o rock and roll frequentemente estavam presentes e juntos. O que seria um indicativo de que a disputa existiria, até certo ponto, no campo teórico<sup>47</sup>.

No Recife, o ritmo seguia conquistando a juventude e os lançamentos dos discos de rock and roll ainda continuavam sendo noticiados. No 14 de Março de 1957, estreariam as noites de rock and roll no Aero Clube<sup>48</sup>, nas quintas-feiras. Além dos elogios recorrentes ao evento, cada vez mais frequentado, também eram mencionados: a presença de “senhores e senhoras” da sociedade pernambucana; um concurso de dança, bem como uma demonstração “alegre e sadia” do novo ritmo que tantas controvérsias teria provocado.

Destas festas seriam feitas as primeiras menções à execução de rock and roll nos palcos do Recife e ao primeiro nome de um músico ligado ao ritmo na cidade: Geraldo Lemos, que estrearia com a sua banda neste evento fazendo sucesso e liderando as apresentações seguintes. Igualmente se fazia menção a personalidades da sociedade, como é o caso do jovem Walker Alecrim (Fig. 2) que receberia elogios por dançar com “passos bem estudados” e ainda ir ao microfone para cantar “no melhor estilo e tradição” de um “autêntico teenager”.

Logo após as festas de rock and roll no Aero Clube, notas habituais nos jornais faziam outras referências à presença do ritmo na vida noturna da cidade e ao seu impacto, passadas as manifestações de resistência de jornalistas. A música de Presley poderia “não ter impressionado na tela”, mas seria a “coqueluche” daquele momento, com suas guitarras nas orquestras.

---

<sup>46</sup> Entre as críticas, ainda eram frequentes afirmações de que o Rock não passava de uma mania passageira, tal qual outras expressões coreográficas do “frenesi” que modificavam os centros atingidos por uma “civilização ultra técnica”. Outras observações eram dirigidas contra a polémica “inútil” que acontecia no jornalismo do Rio de Janeiro e São Paulo, em que os repórteres continuavam a colher impressões de sociólogos, médicos e escritores a respeito do novo ritmo, pontuavam os seus autores que tais jornalistas estavam desperdiçando o seu tempo com uma “coisa sadia”, ao passo que “outras expansões coletivas da juventude, que não usa blue jeans, são muito mais sintomáticas de uma possível crise moral e intelectual” (*Diário da Noite*, 27 de Fevereiro de 1957, p. 6).

<sup>47</sup> Por outro lado, a resistência ao novo, referida por Eduardo Maia e também apontada por Jomard Muniz, em suas respectivas entrevistas, remete-nos aos conceitos mais conservadores de cultura regionalista; observando com maior distanciamento e indiferença as produções estrangeiras, principalmente as norte-americanas, já que as europeias eram muito melhor aceitas.

<sup>48</sup> O Aero Clube de Pernambuco localizava-se no bairro do Pina, na ilha Encanta Moça e foi inaugurado aos 15 de Março de 1940. Além da preparação de pilotos, o clube recebeu durante cinco décadas festas e outros encontros sociais.

O termo era tão presente nos jornais que parecia incorporado ao vocabulário local, como se a sua vivência fosse inevitável, conforme podemos observar na citação do *Diário de Pernambuco*:

Nos clubes do Recife, tanto nos procurados pelos pares de *jeans* como nos que exigem paletó e gravata, é o que se toca e o que se dança: o *Rock'n Roll*

Está nos foguetes das colunas sociais o chamariz, nos clubes, da nova música, entre o Samba e o Baião. Clubes há que anunciam rodadas de *Rock'n Roll*, concursos de *Rock'n Roll* e prêmios aos melhores executantes de *Rock'n Roll*.

Nos clubes e nas festas de aniversários balançam o *Mambo Rock* o *Rit it, Up*, o *See You Latter*, *Alligator* o *Razzie Dazzle* o *Tutti Frutti*, etc. O novo ritmo conquistou as soquetes da cidade<sup>49</sup>.

Entre festas nos clubes, dois filmes ligados direta ou indiretamente ao rock and roll estreariam na cidade: *Juventude Transviada*<sup>50</sup> e *Ritmo Alucinante (Don't Knock The Rock)*<sup>51</sup>. Esses filmes eram assunto frequentes na imprensa, com estímulo à reflexão acerca do contexto nacional e internacional. O comportamento dos jovens foi tema recorrentemente discutido no cinema norte-americano. O lançamento do filme com James Dean estimulou a imprensa local e chamou a atenção, mesmo antes de sua estreia na cidade

*Juventude Transviada* receberia boas críticas nos jornais, refletindo o problema alarmante do aumento da delinquência juvenil. O filme chamaria a atenção para a negligência dos pais nas famílias ricas com seus “egoísmos, incapacidades, ou omissões involuntárias”. A sua repercussão se refletiria em discussões nos periódicos locais sobre o grau de responsabilidade dos pais no comportamento marginal dos jovens.

Dias após o lançamento deste filme no Recife, uma matéria de capa no *Diário da Noite* alertava para o fato de que a “juventude transviada” teria invadido os bairros “granfinos” da cidade. Em uma reportagem baseada em dados da contínua observação do seu autor à Delegacia de Plantão da Secretaria de Segurança Pública, havia relatos de que certos moços “seguidores de

---

<sup>49</sup> *Diário de Pernambuco*, 1 de Maio de 1957, p. 6.

<sup>50</sup> Este até teria sido adaptado e transmitido em forma de novela anteriormente e foi transmitido, sob a direção de Fernando Luís, para a Rádio Tamandaré (pernambucana).

<sup>51</sup> A aproximação da chegada do filme *Ritmo Alucinante* gerava uma expectativa de tensão que alimentava fortemente a relação associativa entre Rock e comportamento transviado da juventude. O filme estreou no Cinema do Parque, recebendo um número maior de avaliações negativas do que positivas pela crítica de cinema nos jornais locais. No entanto, cabe destacar que o evento foi um sucesso de público e foi marcado pelo comportamento eufórico dos jovens, durante os seus dias de exibição; o salão de espera transformava-se numa verdadeira “pista de dança”. A segunda apresentação do rock and roll provocou mais ruído da rapaziada blue jeans que a primeira, com palmas, assobios, gritos e os ditos “escândalos desagradáveis”.

Elvis Presley e James Dean”, membros de Clubes de Rock, chegariam “quase com assiduidade”; no entanto, criticava que a maioria dos casos não ia para o livro de ocorrências por se tratar de membros da “melhor sociedade”; apenas alguns chegariam ao conhecimento público, devido à “desastrosa repercussão”<sup>52</sup>.

O tema “juventude transviada” passou a ser discutido com maior frequência. A reportagem chamava atenção para a afetação adolescente que pretendia imitar a juventude delinquente americana, sem culpar o ritmo do rock and roll, no qual, segundo a matéria, já teria provado não ter em si nenhum motivo para “expansão de loucura”<sup>53</sup>.

Outra nota assinada por Bernard criticava a atitude afetada de adolescentes que bebiam, dentre outros motivos, por imitação, simplesmente porque James Dean teria bebido no início do filme *Juventude Transviada*. Poucos meses antes, em outro comentário, o colunista teria sido complacente com as angústias de algumas moças em uma reunião de “legítimos representantes” da geração blue jeans.

Além do que já foi descrito, naqueles dias de “rockmania” os jornais continuavam refletindo sobre quem era Elvis Presley; em uma matéria de capa do *Diário da Noite* uma senhora chamada Jandira Soares Moraes alertava, com ares apocalípticos, de que o rock and roll sofria influência dos raios cósmicos; o compacto “Enrolando o Rock” de Betinho -Alberto Borges de Barros (1918-2000)-<sup>54</sup> e seu conjunto seria avaliado como péssimo e até, Bernard, adepto a nova onda, criticava, demonstrando um senso crítico para avaliar a qualidade em se tratando deste gênero musical, o modo como Cauby Peixoto (1931-2016) cantaria, em seu programa na Rádio Jornal do Commercio (pernambucana), “as canções americanas” deste estilo<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> *Diário da Noite*, 23 de Maio de 1957, capa e p. 2.

<sup>53</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>54</sup> Um dos primeiros músicos no Brasil a inserir violão elétrico e guitarras em suas composições. Alguns de seus trabalhos incluem: “Enrolando o Rock” (canção de 1957); “Little Darling” (canção de 1958); *Betinho, Rock e Calypso* (discos de 1956, 1957); *O Rei da Noite* (disco de 1958); *Betinho e seu conjunto dançante* (disco de 1959); *Betinho, Twist e Bossa Nova* (disco de 1963); *Cocktail de Rocks* (disco de 1960). De acordo com Albert Pavão Betinho e Cauby Peixoto não eram ainda os cantores da juventude, embora tenham sido pioneiros no Rock. (Albert Pavão, *Rock brasileiro, 1955-1965: trajetória, personagens e discografia*, São Paulo: EDICON, 2011, 2 ed. pp. 89 e 134.

<sup>55</sup> Cantor brasileiro, nascido em Niterói (RJ), iniciou sua carreira nos final dos anos 1940. Foi um dos primeiros cantores de rock and roll no Brasil, embora não tenha seguido carreira nesse gênero.

## As primeiras imagens do rock and roll no Recife

Voltando ao Aero Clube e suas recorrentes comentadas noites “rockeanas”, com seus concursos de dança para a escolha do melhor par<sup>56</sup>. Destas festas seriam apresentadas as primeiras fotos da imprensa relacionadas a um evento de rock and roll na cidade do Recife (Figs. 3 a 7). Essas imagens são raras, devido ao fato de não terem sido encontradas nos demais documentos pesquisados sobre a década de 1950 no Recife.



FIGURA 2. “O “Rock “no Aero Clube”, *Diário de Pernambuco*, 9 de Junho de 1957, p. 3.



FIGURA 3. Walker Alecrim dança no Aero Clube com Margarida Oliveira. *Diário de Pernambuco*, 9 de Junho de 1957, p. 3.

<sup>56</sup> Dentre as premiações para uma das noites, foi ofertada uma jaqueta vermelha, igual a usada por James Dean no filme *Juventude Transviada*.



**FIGURA 4.** Premiação de Walker Alecrim e Margarida Oliveira no Aero Clube, *Diário de Pernambuco*, 11 de Junho de 1957, p. 6.

As sessões de Rock no Aero Clube eram as únicas de frequência semanal no Recife, porém, tiveram o seu fim anunciado em troca de uma nova dança o calypso, um gênero musical menos enérgico para “cabelos grisalhos” e que não poderia ser “taxado” de feito para “tarados” ou “garotos”<sup>57</sup>. Apesar de ter sido realizada uma festa de despedida muito comentada, concorrida e animada, os eventos desta agremiação continuaram, agora com ritmos diversos, entre eles esses dois.



**FIGURA 5.** Premiação dos pares do concurso de Rock no Aero Clube. *Diário de Pernambuco*, 9 de Junho de 1957, p. 4.

Àquela altura do impacto do rock and roll no Brasil e, particularmente no Recife, começou a se noticiar na imprensa, que Elvis Presley viria se apresentar em São Paulo. Essa informação

---

<sup>57</sup> Bernard, “Carosel”, *Diário da Noite*, 1 de Julho de 1957, p. 4.

gerou uma série de notas comunicando, que brevemente, seria realizado um show do ‘rei’ no Aero Clube – o fato é que ele sequer pisou no país.

Outra atração, The Platters, foi posteriormente divulgada e aguardada no Clube Internacional, mas quem viria diretamente dos Estados Unidos para se apresentar neste local e no Teatro Santa Isabel, em uma mesma noite, com muito sucesso de repercussão nos dois espetáculos lotados, seria o conjunto Rock’n Roll Festival<sup>58</sup>; trazendo diversos artistas dos Estados Unidos.

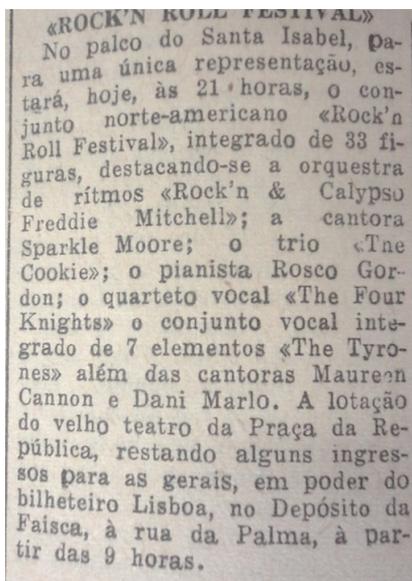


FIGURA 6. Apresentação do evento “Rock’n Roll Festival” no Teatro Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, 24 de Setembro de 1957, p. 6.

Apesar do rock and roll ter sido misturado a outros ritmos, como o frevo, nos anúncios das festas no Aero Clube, comandadas pela orquestra de Geraldo Lemos, havia quem escrevesse que este ritmo ainda seria a “coqueluche presente em todos os “Hi-Fi” e em todos os grêmios da cidade”. O gênero musical continuava a ser assunto habitual nos jornais, que anunciavam

---

<sup>58</sup> Existem vídeos da maioria dos artistas citados na programação do evento: Freddie Mitchell e sua orquestra, junto com Allan Freed (<https://www.youtube.com/watch?v=U-4oFo7sdJI>); Sparkie Moore (<https://www.youtube.com/watch?v=BgJucbhPNkM>); The Cookie, cantando a canção “Chains”, gravada em 1962, regravada pelos The Beatles em 1963 (<https://www.youtube.com/watch?v=1Zr-590nDPzE>); Rosco Gordon (<https://www.youtube.com/watch?v=-n3M6SUAqhk>); The Four Knights (<https://www.youtube.com/watch?v=KMARs0WrENU&list=RDKMARs0WrENU&t=52>); The Tyrones (<https://www.youtube.com/watch?v=N0wN52Sqcb8>); Maureen Cannon (<https://www.youtube.com/watch?v=RhDZdCzKAR0>).

lançamentos de discos e películas<sup>59</sup>, novidades sobre seus artistas, reportagens e notícias diversas, anúncios de aulas de dança bem como notas sobre a presença dos blue jeans com suas músicas em festas realizadas em casas de senhores (as) da alta sociedade local<sup>60</sup>.

## O rock and roll como atração cultural no Recife: Clubes e Rádios junto à 'juventude transviada' em 1959

Ao longo do ano de 1958, foram lançados no Recife diversos filmes ligados direta ou indiretamente ao rock and roll<sup>61</sup>. Especificamente na temática da delinquência juvenil, temos: *No Labirinto do Vício* (*The Young Stranger*) e *A Rua do Crime* (*Crime in The Streets*). Também foram lançados na cidade *Curvas e Requebros* (*Rock, Pretty Baby!*); *Ao Calor da Música* (*The Big Beat*), *O Delinqüente Delicado* (*The Delicate Delinquent*) comédia com Jerry Lewis e *Alegria de Viver*, filme nacional destacado por estreiar simultaneamente em vários cinemas locais. *Sementes da Violência* e *Ao Balanço das Horas* voltariam a entrar em cartaz.

A maioria dos anúncios de programação das Rádios era divulgada aludindo à diversidade de repertório— raramente havia descrição dos ritmos. Contudo, houve um anúncio, a respeito de um programa na Rádio Tamandaré, sob a regência do maestro Nelson Ferreira em que há uma menção direta ao Rock, citado juntamente com o frevo e o chá-chá-chá.

Nas festas dos clubes recifenses, os nomes dos ritmos seriam substituídos nos anúncios por termos como “danças”, em que a falta de uma referência direta daria margem para a ideia de diversidade musical. Porém, algumas notas, ainda comentariam as execuções de rock and roll nesses eventos, conforme se observa em uma nota onde há uma crítica elogiosa à apresentação do gênero norte-americano, tocado em meio ao samba e ao fox, pela orquestra de Geraldo Rocha<sup>62</sup> eleita a melhor do ano de 1958.

---

<sup>59</sup> Mesmo com o curto período de exibição dos filmes *Sabes o Que Quero* (*The Girl Can't Help It*), um filme musical em cores, com diversas bandas e cantores, dirigido por Frank Tashlin – lançado mundialmente em Dezembro de 1956 e *Ama-me com ternura* (*Love me Tender*) com Elvis Presley, *Ritmo Alucinante* passou meses em cartaz nos diversos cinemas de bairros (Encruzilhada, Império, Politeama, Eldorado, Torre, Real e Ideal); até o *O Selvagem* voltou a entrar em cartaz no Gloria. O termo 'Juventude Transviada' tornou-se tão recorrente que virou apelido para um time aspirante do Santa Cruz, campeão em 1957. Tal foi o impacto dos filmes que, curiosamente, uma nota anunciou que o vereador Aristófares de Andrade lançaria um projeto para James Dean tornar-se nome de rua, quicá praça ou avenida beira-mar, segundo campanha do jornalista Vladimir Maia Calheiros.

<sup>60</sup> *Diário de Pernambuco*, 4 de Agosto de 1957, p.30, seção de anúncios.

<sup>61</sup> Diversos foram os cinemas de bairros onde os filmes seriam exibidos: Vera Cruz, Rivoli, Soledade, Capricho, Pathé, São José, Santo Amaro, Cordeiro, Espinheirense, Encruzilhada, Cajueiro, Brasil, Coliseu, Art, Torre e Parque.

<sup>62</sup> Não contamos com notícias mais detalhadas sobre este músico para a década desse estudo.



Geraldo Rocha, o jovem e talentoso "Band-leader". Foi o mais entusiasta de todos. Não desanimou nos momentos de adversidade. Venceu, e cada um dos integrantes do conjunto participa dos louros do triunfo. Na sua orquestra, toca sanfona, mas também "brinca" no piano e em outros instrumentos

FIGURA 7. Geraldo Rocha. *Diário de Pernambuco*, 11 de Janeiro de 1959, p.3.



FIGURA 8. Geraldo Rocha (primeiro da esquerda para a direita) e sua orquestra. *Diário de Pernambuco*, 11 de Janeiro de 1959, p.4.

Entretanto, esse ano ficou marcado pela alta recorrência de matérias policiais relacionadas à ‘juventude transviada’, tratando de casos ocorridos em outros estados do país, principalmente no Rio de Janeiro, e também nos diversos bairros do Recife (Boa Viagem, Boa Vista, Santo Amaro, Hipódromo, Ibura, Pina, Derby e Centro)<sup>63</sup>. Ligados ao rock and roll com frequência, estes adolescentes chocaram a cidade em cima de suas lambretas e com indumentária característica, envolvendo-se em atos como brigas nos clubes, boates e bares; casos de vandalismos ao patrimônio público e particular; porte de arma; agressões a civis (até senhoras) e autoridades (como delegados); tentativas e suspeitas de assassinatos; atentado ao pudor e abuso sexual.

Através de matérias, verifica-se que os distúrbios provocados pelos jovens, gradualmente mais sérios e mais recorrentes, eram motivos de forte preocupação social, levando os jornais a cobrarem um posicionamento enérgico da polícia. Os problemas persistiam e continuavam agravando-se. Contudo, no Recife existiam outras formas de vivenciar o rock and roll, nas quais os jovens - também chamados de transviados - não se vinculavam à marginalidade destacada pelos jornais.

Geralmente é condenada a geração *blue jeans*, mas não se deve confundir traje com atitude, e quero crer que nem todos aqueles que usam o famoso traje esportivo americano e andam de lambretas, são vazios ou transviados<sup>64</sup>.

Esse comentário, feito pela jovem Sandra Medeiros para a coluna social do *Diário de Pernambuco*, contrariando as reportagens policiais, aproxima-se das memórias da juventude de Maristone Marques<sup>65</sup>, relatadas em entrevista<sup>66</sup>:

Já em 1957 tinha Rock na Boa Vista, próximo aos colégios Diocesano e o Nóbrega, esquina da Afonso Pena. (...). Naquela época eles tinham uma mania de andar tudo [sic] de preto. Naquela época a gente era chamado de juventude transviada, que é o nome do filme.

---

<sup>63</sup> Estes bairros indicavam segmentos de alta, média e baixa renda nos anos cinquenta, logo, também considerando a diversificada localização dos cinemas, e o público mais popular do *Diário da Noite* é possível reconhecer que informações sobre o rock and roll estava acessíveis a variadas classes sociais recifenses (Pontual, p. 47).

<sup>64</sup> *Diário de Pernambuco*, 16 de Março de 1957, p. 4.

<sup>65</sup> Futuro empresário de grupos musicais importantes da Jovem Guarda local (Os Bambinos e Silver Jets); produtor musical, também responsável pelo som no palco de destacados festivais e shows no Recife até meados da década de 1980.junto brasileiro que começou a carreira em 1958 e também fez sucesso na Jovem Guarda.

<sup>66</sup> Entrevista, Recife, 29 de Junho de 2016.

(...) Eu comprava os discos no comércio já. As festas de rock eram ‘assustados’ e “tertúlio”, que chamava [sic] na época. Assustados eram nas casas e colocavam vinil para tocar. Mas só era a turma que gostava mesmo. Tinha clube do rock, com jaquetas. Eu peguei uma capa de plástico e cortei e coloquei meu nome. Até hoje me chamam de Tony. Como James Dean estava numa influência muito grande, colocaram meu apelido de Tony Dean.

Nos jornais pesquisados, entre os comentários do cenário musical do rock and roll, do ano de 1958, há algumas notas sobre Paul Anka, Gene Vincent, Pat Bonnie, The Platters, Golden Boys os<sup>67</sup> irmãos Celly e Tony Campello<sup>68</sup>, The Playings (conjunto nacional que teve o compacto *Love Me Forever* em terceiro lugar da lista dos mais vendidos da cidade); Porém, notícias sobre Elvis Presley, lideravam em recorrência. A leitura dos jornais permitia acompanhar todos os seus sucessos; sua vida e seu reconhecimento como símbolo de uma geração de adolescentes.

Na coluna de Nelbe do *Jornal do Comercio*, em que a colunista, por meio de uma personagem fictícia chamada Louquinha, traça de modo irônico e crítico um perfil sobre o suposto modo de pensar e agir de uma jovem influenciada pela música relacionada ao rock and roll de Elvis Presley, como veremos na citação a seguir<sup>69</sup>:

Jovem, na idade mais bela, quando a vida lhe sorri aos 19 anos,

“Louquinha”, consumindo o espírito na inutilidade de uma vida vazia, fútil e materializada, personifica aqui a “geração sem rumo”, desorientada pelas contingências da vida moderna. Talvez definisse melhor, a expressão “geração Sagan”.

Produto de uma época na qual os padrões morais cedem lugar às normas primárias e existenciais, “Louquinha”, que fenece moral e fisicamente, pode ser uma jovem de qualquer classe.

O problema de “Louquinha” é universal, sem fronteiras ou cores raciais. É uma situação moral dos tempos atuais.

(...) Quase sempre é vítima do meio ambiente, das influências sociais, das amizades suspeitas.

---

<sup>67</sup> Conjunto brasileiro que começou a carreira em 1958 e também fez sucesso na Jovem Guarda.

<sup>68</sup> Irmãos nascidos em São Paulo que fizeram muito sucesso cantando rock and roll no final dos anos cinquenta e início dos anos sesenta. Os dois estreariam na televisão na TV Tupi no programa Campeões do Disco (1958) e logo depois iriam para a Record apresentar o programa Celly e Tony em Hi-Fi (1959).

<sup>69</sup> *Jornal do Comercio*, 26 de Janeiro de 1958, p. 1.

“Louquinha” quer aproveitar a vida. Emancipada, compromete o nome da família, sempre a última a saber de sua conduta.

(...) Não há salvação para “Louquinha”, que não admite que a vida seja regularidade de emoções, condicionadas aos preceitos do comportamento espiritual.

Sem capacidade intelectual se limita à leitura apressada dos estudos. Adora as historietas do “Grande Hotel”, “Escândalo”, etc, que exploram, por poucos cruzeiros, a inocência da mocidade. Cinema? Só francês, picante, com crimes passionais, licenciosidade... Música? Tem tudo de Elvis Presley, não lhe faltando um só disco.

Vida sem sentido nem ideal, esvoaçando sua mocidade, a garota anda agora com ideias revolucionárias..

(...)Um destes dias sua mãe perguntou-lhe porque se descurava da religião. “Louquinha”, que assume ares de autossuficiente, replicou: - “Não ralhe, mamãe, não encha! Religião, eu tenho a minha, a meu modo. Sou livre pensadora...”

Assim, “Louquinha”, negando a finalidade de uma vida para, na antessala da degenerescência, vai-se perdendo.

## 1959: A moda passageira que não tinha passado

Durante o ano de 1959 o rock and roll e os símbolos ligados a sua cultura foram assuntos menos recorrentes do que nos outros anos, principalmente 1957, quando até Carlos Lacerda<sup>70</sup> seria comparado a Elvis Presley na política, na coluna assinada por R. Magalhães Junior.

As matérias e notas sobre o cenário musical traziam comentários sobre lançamentos, artistas e acontecimentos. Em relação aos discos, a loja Aldolpho Figueiredo S.A costumava, por vezes, publicar a lista dos discos mais vendidos da semana na loja. Em uma dessas listas encontramos “Estúpido Cupido” canção de bastante sucesso, do cantor e compositor Sergio Murilo (1941-92) ocupando o terceiro lugar<sup>71</sup>.

Quanto ao cinema nesse ano, *Mocidade Violenta* (*Teenage Wolfpack*), *Cantando Levo a Vida* (*Sing Boy Sing*), *Ao Balanço do Rock'n Roll* (*Rock Baby Rock It*), *A Mulher Que Eu Amo* (*Loving You*) com Elvis Presley, baseado na sua história; *Sementes do Mal* (Bill Halley), *De Vento em Popa*

---

<sup>70</sup> Jornalista e político brasileiro, membro do partido UDN (União Democrática Nacional).

<sup>71</sup> Cantor e compositor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, um dos pioneiros do rock and roll no Brasil.

(Oscarito interpretando o cantor Melvis Prestes), *Alegria de Viver*, *Sementes da Violência*, *Curvas e Requebros*, *Meias de Seda* (*Silk Stockings*) em que Fred Astaire canta e dança a canção “*The Ritz Roll and Rock*”) e o mais divulgado e em cartaz *Minha Sogra É da Polícia* (participação de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Carlos Imperial – produtor artístico, compositor e personalidade do show business brasileiro - e Cauby Peixoto em uma cena com a canção “*Let’s Rock*”), estes filmes passariam, ao longo do ano, nos programas dos vários cinemas de bairros. Algumas destas películas internacionais, estreantes na cidade, haviam sido lançadas em anos anteriores.

No Recife, era anunciada uma conferência do criminalista Carlos de Araújo Lima, foi realizada no salão do Tribunal de Justiça do Estado, promovida pela OAB (Ordem dos advogados do Brasil), convidando desembargadores, juízes, promotores, advogados e pessoas interessadas para debater o problema social causado por tais jovens. Ainda em relação aos atos de violência praticados pelos jovens transviados, os acontecimentos mais marcantes nos anos anteriores foram as brigas ocorridas nos clubes (Caxangá Golf Club, Clube dos Oficiais, Country Club, Náutico e Aero Clube), com tiroteio entre “mocinhos”, polícia entrando em ação e até intervenções do exército, os jornais relatavam ter a sensação de estarem assistindo a “cenas de filmes americanos”. Continuavam-se as queixas sobre a falta de decoro e o uso de linguagem de “baixo calão”, nos teatros, cinemas, bares e boates, o que irritava a imprensa pela falta de atitude dos policiais presentes.

O Rock, no entanto, continuaria, juntamente com outros gêneros musicais, sendo citado em notas, já que se fazia presente em reuniões sociais, festas em clubes e boates. Curiosamente, encontramos uma referência a um “jantar dançante”, em homenagem a Gilberto Freyre (1900-87) e sua esposa, no qual o ritmo norte-americano, tocado pelo Conjunto Brasileiro de Ritmos (de São Paulo), junto com o samba, seria destacado pela crítica<sup>72</sup>.

No Recife, encerrando a década, no Natal de 1959, os Golden Boys seriam a atração principal do evento mais destacado do Clube Internacional. A década acabaria mas, de alguma forma, a frase citada em Fevereiro daquele ano, no *Diário de Pernambuco* (Figura 9), continuava valendo, contradizendo as críticas dirigidas ao rock and roll, especialmente expressas na defesa ferrenha do regionalismo:

---

<sup>72</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de Novembro de 1959, p. 6. Apesar de idealizador do Movimento Regionalista e incentivador de discussões sobre a produção cultural regional e da necessidade de seu reconhecimento, o escritor pernambucano viajou por diversos países, chegando a passar tempos nos Estados Unidos, tendo mantido contato com Franklin Roosevelt desde a década de 1920, época do Modernismo e também com o antropólogo Franz Boas (1858-1942), da escola culturalista. (Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (eds.), “Trocac culturais e afetividade em Gilberto Freyre e Franz Boas”, *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009, pp. 1-9.

O CERTO NESTES DIAS É DANÇAR O 'ROCK-AND-ROLL'  
E REBOLAR ATÉ ALTAS HORAS DAS MADRUGADAS FRIAS

FIGURA 9. "Vamos dançar Rock". *Diário de Pernambuco*, 27 de Fevereiro de 1959, p. 13.

## Considerações finais

Iniciamos nossas considerações reconhecendo a difícil tarefa de triar as informações levantadas a partir das temáticas mais recorrentes nos jornais e resumir no texto de um artigo. Os jornais nos apresentaram um universo de vastos registros sobre o princípio do rock and roll, sua repercussão e participação nas principais discussões da sociedade recifense de 1950. Dos aspectos socioculturais reconhecidos, destacamos o cinema e as festas e as intensas críticas à juventude que aderiu às loucuras do ritmo entorpecedor.

Pudemos observar que o rock and roll foi tratado como febre, “a cocaína em ritmo musical” que abria as portas onde estavam “os desejos guardados de uma geração”. Com essa intensidade, os filmes sobre o tema foram exibidos por diversas vezes nos cinemas de bairro, alguns deles voltando a ser exibidos em anos posteriores. Portanto, o cinema era apreciado com intuítos educativos/políticos e também entretenimento e ponto de distribuição da cultura norte-americana.

A juventude recifense – aparentemente, em sua maioria, de classe média e classe média alta – recebeu importantes informações sobre o que era ser jovem nos anos cinquenta num momento em que o moderno impunha a todos um novo comportamento. A vivência de “um novo estado de coisas” encontrou-se com o rock and roll e trouxe descrições e reflexões sobre o contexto: os pares de jeans possuíam um nível intelectual questionável, mas embalaram-se em inesquecíveis noites de Rock no Aero Clube e que apesar de uma vida supostamente sem sentido, traziam ideias revolucionárias necessárias para a formação de um Recife que estava por vir.